

## NO ÚLTIMO MÊS DO ANO

Com este número de Dezembro, completam-se vinte e seis volumes anuais da revista «ELECTRICIDADE. ENERGIA. ELECTRÓNICA» e encerra-se o ano que corresponde às «bodas de prata» da sua publicação ininterrupta.

Sublinhamos este acontecimento singelo, porque a quantos trabalham nesta empresa, ele lhes dá conforto.

São raras excepções aquelas em que este espaço da revista se afasta da objectividade intrínseca dos assuntos tecno-económicos, para o dedicarmos a temas que se subjectivam pela nossa acção editorial. São, todavia, principalmente duas as razões que plenamente justificam a escolha deste último editorial da série de 1982 para falarmos da «ELECTRICIDADE», aos seus leitores, cooperantes, patrocinadores e anunciantes.

Em meados do ano de 1956, o professor Ferreira Dias e o Engenheiro Paulo de Barros enunciaram a sua predestinada teoria de que o desenvolvimento das actividades científicas e tecnológicas do País carecia, no sector da electricidade, do apoio editorial de uma revista electrotécnica, inteiramente dignificada e dedicada à divulgação de estudos, de realizações e de ideias, prevalentes na história coetânea da engenharia portuguesa.

Com o apoio das mais importantes actividades industriais interessadas e a excelente dedicação dos seus colaboradores, levantaram e executaram cabalmente a sua ideia, logo seguida e desenvolvida pelo pessoal da «Empresa Editorial Electrotécnica, Edel, Ld.ª» superiormente dirigido pelo Eng.º José Pinto Machado e Eng.º Joaquim Salgado.

Uma das duas razões que nos levam agora a registar tais efemérides, com sentida devoção, situa-se na observação realista de que, desde o seu primeiro número até agora, a revista «ELECTRICIDADE» nunca se desviou da orientação básica que inicialmente lhe foi dada, nem decaiu do êxito perspectivado dessa frutuosa iniciativa que a criou. Diríamos que a não desmereceu e o consolidou no tempo.

É razão suficiente para relembrar alguma coisa importante do passado da nossa revista, no termo do seu vigésimo quinto aniversário, o sentimento da homenagem devida pela electrotécnica nacional à Memória daqueles notáveis engenheiros que, em

ideias e factos, deixaram na electricidade nacional um sinal positivo que os anos não esquecem.

O segundo motivo que apoia o tema escolhido para editorial deste último número de 1982 firma-se na realidade presente, cuja divulgação julgamos ser de interesse geral e respeita a razões que evidenciam a expansão da revista «Electricidade. Energia. Electrónica» nas edições decorridas nestes últimos tempos da sua história contemporânea.

Com efeito, não é apenas por que a comemoração das «bodas de prata» (incorporada no volume de 1982) se caracterizou pelo êxito das colaborações que nos foram especialmente prestadas nos mais importantes ramos da indústria electromecânica, sistematicamente especializada, na produção e nos serviços ligados à electrónica e nos diversificados aspectos da problemática energética, mas também (em anómalo progresso) a resposta muito positiva que temos recebido da nossa presença em reuniões e exposições técnicas ou científicas, no País e no Estrangeiro.

A política de crescente melhoria do serviço que intentamos prestar a quem nos procura (diversificando a leitura e actualizando no momento exacto a abordagem dos temas de vincada projecção internacional) tem tido consequências positivas que ultrapassam as melhores expectativas.

A publicidade, nacional e de além fronteira, que mês a mês nos procura em valor crescente, comprova a situação expansionista desta nossa edição, dimensionada e adequada à electrotecnia modesta do País que somos.

Por fim, expressamos o nosso muito agradecimento a quantos, colaboradores e cooperantes, nos têm apoiado; todavia, a quem ainda o não é em medida de segura utilidade nacional (didáctica, divulgadora ou opinativa) fechamos o volume das bodas de prata apelando para o uso do direito, que é propriamente o seu, de publicarem nas páginas da revista, trabalhos de investigação, ou de tecnologia progressiva. Não é um dever que se reclame de quem quer que seja, nem nada que possamos exigir de quem serve com trabalho próprio a actividade intelectual na electrotecnia.

Firmamos apenas um dever que é apenas nosso, a que eticamente nos obriga o interesse nacional.

F. do A.